

FONOLOGIA: BREVE HISTÓRICO DOS ESTUDOS NO ESTRUTURALISMO E GERATIVISMO

Phonology: a brief history of studies in Structuralism and Generativism

Chris Royes Schardosim¹

Naissara Trombetta²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um breve histórico da Fonologia, ramo da Linguística que estuda o sistema sonoro de um idioma. A Fonologia organiza uma sistematização dos dados fornecidos pela Fonética – os fones –, assim como seleciona os mecanismos para o estabelecimento dos fonemas de uma língua. Fundamenta-se em princípios universais e aplica-se a uma língua particular e aos modelos teóricos que a descrevem. O referido histórico apresentará o ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística em dois momentos: Estruturalismo e Gerativismo.

Palavras-chave: Estruturalismo. Gerativismo. Histórico.

ABSTRACT: This paper aims to present a brief history of phonology, branch of linguistics that studies the sound system of a language. The Phonology organizes a systematization of the data provided by Phonetics – phones – as well as selects the mechanisms for establishing the phonemes of a language. It is based on universal principles and applies to a particular language and the theoretical models that describe it. This historical will present the point of view of its role in the system of linguistic communication in two moments: Structuralism and Generative.

Keywords: Structuralism. Generative. History.

1 INTRODUÇÃO

Este texto é fruto da reflexão realizada nos estudos de pós-graduação durante a disciplina de Fonologia. Nossa proposta é refazer o percurso histórico da fonologia e do seu surgimento enquanto disciplina e ciência. Para isso, iniciaremos a história no Estruturalismo de Praga e a seguir no Gerativismo, com as contribuições de Noam Avram Chomsky e a Geometria de Traços.

O artigo está organizado em seções que seguem a ordem cronológica de cada um dos movimentos teóricos, apresentando o contexto histórico e as principais contribuições.

¹ Doutoranda em Linguística, UFSC. SC, Brasil. chrisletras@gmail.com

² Mestranda em Linguística, UFSC. SC, Brasil. naissara@bol.com.br

2 ESTRUTURALISMO

O primeiro movimento histórico e científico de destaque foi o estruturalismo. Embora a fonologia já existisse de forma rudimentar antes da consolidação dessa Escola, vamos iniciar a caracterização da fonologia nesse contexto.

A fonologia nasce assim no enquadramento das teorias estruturalistas do Círculo Linguístico de Praga. Com base nas distinções realizadas por Saussure (2006) – língua e discurso, sincronia e diacronia, signo linguístico – os linguistas da Escola de Praga proclamaram a necessidade de se fazer distinção entre fonologia e fonética, dois termos usados até então para definir a ciência dos sons. Segundo eles, a fonologia estuda as funções linguísticas dos sons, os fonemas, enquanto a fonética se preocupa com a produção e as características dos sons da fala. As unidades constituintes do sistema fonológico de uma língua são os fonemas. N. S. Trubetzkoy (apud VELOSO, 1996) é o responsável pela distinção entre fonética e fonologia.

2.1 Contexto histórico

O estruturalismo foi um movimento europeu, ocorrido no início do século XX, que englobou diversas áreas das ciências humanas. No campo da linguística, os trabalhos iniciaram-se com Ferdinand de Saussure (2006), linguista que diferenciou língua (o suprasistema analisado pelos linguistas) de fala (a fonte de dados para a análise linguística).

A partir de então, as investigações do componente sonoro foram feitas tendo como base a unidade mínima de análise fonêmica – **o fonema**. Nas correntes estruturalistas, o fonema era considerado não somente como a unidade mínima de análise e sim como uma unidade que permitia a segmentação do contínuo da fala. Nessas correntes, a análise do fonema prevalecia sobre outras áreas, tais como morfologia e sintaxe.

Além dos trabalhos de Saussure – *Curso de Linguística Geral* (1916) – outras propostas contribuíram para o progresso da corrente estruturalista: Bloomfield – *Language* (1933), Jakobson – *Fonema e Fonologia* (1967), Martinet – *La Linguística Sincrônica: Estudios e Investigaciones* (1968), Pike – *Phonemics: A Technique for Reducing Languages to Writing* (1947), Sapir – *Sound Pattern in Languages* (1925) e Trubetzkoy – *Principles of Phonology* (1939).

Entrando especificamente na questão, o Estruturalismo de Praga começou em 1926 com a reunião dos estudiosos do Círculo de Praga. Nessa época as ideias de Saussure (2006) sobre a língua e suas dicotomias já circulavam. Encontramos em Saussure (2006, p. 16-18) que a língua, enquanto “sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” e realização social da linguagem, “implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução”.

Em Llorach (1976, p. 39) encontramos a questão da oposição fonológica. Embora o autor não explicita que as ideias arroladas no texto advêm da Escola de Praga, fica clara para o leitor a filiação teórica. O autor trata do conceito de distinção que pressupõe o contraste. Isso aparece também em Saussure (2006), já que o signo é opositivo, negativo e relativo. Afirma Llorach (1976, p. 39) que “una cualidad fónica tendrá función distintiva cuando se oponga a otra [...]. Las diferencias fónicas que en una lengua dada permiten distinguir las significaciones, son oposiciones fonológicas, distintivas o relevantes.”

No texto de Lepschy (1975, p. 39) está descrito o contexto histórico de fundação da Escola de Praga, salientando que “o pensamento de Saussure constitui apenas uma (e nem mesmo a principal) das fontes evocadas pela Escola”. O autor apresenta também as três teses do Círculo: a primeira trata do exame dos problemas de método que derivam da concepção da língua como sistema funcional, considerando a análise sincrônica e o método comparativo; a segunda tese trata do aspecto fônico e do estudo da palavra; a terceira examina as funções linguísticas.

O autor destaca o impulso que a fonologia recebeu nos estudos do Círculo, principalmente a partir de Trubetzkoy. Lepschy (1975, p. 43) cita que

a fonologia é o estudo dos significantes da língua no plano representativo. As particularidades fônicas, que entram em jogo, podem ter três funções: culminativa, delimitativa e distintiva. [...] para que um som tenha função distintiva, ele deve opor-se a outro som. [...] A unidade fonológica distintiva mínima é o fonema, que vem realizado por variantes facultativas ou combinatórias.

Esse sistema – a língua – é explicado por Saussure (2006) a partir da metáfora de um jogo de xadrez, onde cada peça ocupa uma posição característica, desempenha um papel e é regida por regras. Essas “peças” são os signos, convencionados socialmente, portadores de duas faces que se complementam: significante (cadeia sonora) e significado (conceito ou imagem mental convencionado). Para explicar melhor o sistema linguístico, Saussure (2006)

valeu-se de quatro dicotomias: (1) *langue* e *parole*: a primeira é abstrata, referente à gramática da língua e a segunda é concreta, remete aos atos da fala; (2) signo linguístico: uma entidade de duas faces, convencional e existente na comunicação; (3) eixo sintagmático: temporal, combinatório, e eixo paradigmático, da verticalidade e da substituição; (4) diacronia: linguística histórica, comparada, realizada até o século XIX, e sincronia, relativa ao momento.

A partir dos estudos de Saussure passou-se a ter uma nova visão a respeito do componente fonológico. Através da delimitação deste objeto de estudo começam a ser estabelecidos procedimentos metodológicos e teóricos para a investigação do componente sonoro. Surge, então, nessa corrente estruturalista da fonologia, inspirada nos princípios expostos por Trubetzkoy, a unidade mínima: o *fonema*. Esse é definido em tais correntes como a unidade imaterial, estritamente pertencente à *langue saussuriana*, e compete à fonologia inventariar cada língua particular.

Essa determinação do caráter fonêmico dos sons é conseguida através das operações de *segmentação* dos itens lexicais em unidades fonicamente indivisíveis e de comutação dessas unidades. Sempre que a partir desta comutação haja uma alteração do significado das palavras resultando em *pares mínimos*, prova-se que estes sons são *fonemas* da língua em questão. O principal critério para demonstrar o estatuto *fonêmico* de um som é a distintividade (SAUSSURE, 2006).

O estruturalismo não é apenas uma filosofia e sim um conceito, um movimento, um modo de viver; influenciou a filosofia, a política (dois movimentos antagônicos: capitalismo e marxismo), as artes, a psicologia, a arquitetura, a ciência da linguagem. Cria-se oficialmente a fonologia de 1930, no sentido clássico (que se mantém até hoje) e a fonética se consolidou com os positivistas no fim do século XIX. O próprio Saussure foi um produto desse movimento, já que foi estruturalista, embora não tenha usado este termo. Outros também foram para as conferências. Jakobson e Trubetzkoy trouxeram trabalhos quase prontos e se encaixaram com os que havia em Praga. As teorias da frase, da comunicação foram aplicadas neste contexto.

Trubetzkoy (apud VELOSO, 1996) salienta que uma tarefa importante da fonologia estruturalista, estreitamente relacionada com a da inventariação fonemática, é a descrição exaustiva das complexas redes de relações que se estabelecem, dentro do sistema de uma língua, entre todos os fonemas. Estes se agrupam de acordo com certas características que permitem opô-los em blocos, dando a cada fonema um valor relativo resultante das relações criadas dentro do próprio sistema.

O Estruturalismo clássico de Praga teve seu auge em 1930 com o Congresso de Fonologia. Essa Escola veio de 1926 (fundada por um Tcheco: Mathesius) e durou até meados de 1937 (queda de Praga). Destacaram-se dois russos: Trubetzkoy (foi lecionar em Viena, mas voltava para trabalhar em Praga) e Jakobson (a partir de 1950 foi contribuir com os americanos, depois de fugir da Europa). Ambos aproveitaram os estudos de Saussure e pesquisaram os sons a partir da gramática abstrata – a fonética passou a ser a disciplina. Mas o destaque do Círculo de Praga foi a fonologia. Nesse contexto, uma simples palavra podia ser uma frase (teoria da comunicação de Jakobson).

O *Cours* para Lepschy (1976, p. 28), estava “destinado a ter uma importância incalculável na história da linguística moderna. Entretanto, é preciso dizer que ele não foi assimilado, em sua totalidade, pela cultura linguística [...]”. Talvez, devido à autenticidade do *Cours* ser questionável, fato que perdura ainda hoje. Lepschy chama a atenção, ainda, para certas lacunas que advinham do fato do mesmo ser um texto “‘refeito’ [...] que deixava o leitor insatisfeito.” Ainda assim, o autor chama a atenção para pontos imprescindíveis do *Cours*, tais como: a distinção entre sincronia e diacronia, entre *langue* e *parole*, no fato inovador de a língua ser vista como um sistema de signos (significado e significante), a na noção de entidade linguística – signo.

De uma maneira geral, o fonema, segundo os estruturalistas, é considerado uma unidade mínima distintiva de significados que se diferencia do fone (som) e do alofone (variação do som). Bloomfield (apud BIONDO, 2012), teórico do estruturalismo americano, conceitua o fonema a partir de critérios nos quais o fone é caracterizado como um *feixe* de traços distintivos, de propriedades, capazes de estabelecer oposições.

2.2 Características do modelo

Nessa seção apresentaremos algumas características do modelo estruturalista. Na verdade, a unidade mínima seria o **traço** e não o **fonema**. O fonema é a menor unidade indivisível (segmentável dentro do signo, decomposto em propriedades, um conjunto) e com significado. A menor unidade são os traços, mas os traços sozinhos não possuem significado, mas são significativos, pois possuem valor distintivo, e não são fragmentáveis.

A pertinência ou não pertinência – a distinção – somente pode ocorrer no contexto do signo, em um par mínimo. Por exemplo, a realização do [s] final de paz não é distintivo, não é pertinente. Mas a realização de /z/ e /s/ em [kaza] e [kasa] é pertinente.

O fonema é a unidade mínima nas correntes estruturalistas da fonologia, inspiradas nos princípios expostos por Trubetzkoy (apud VELOSO, 1996), que estudou os traços. O mesmo é definido em tais correntes como a unidade imaterial, estritamente pertencente à *langue* saussuriana.

O estruturalismo, de vertente saussureana, define as estruturas da língua em função da relação que elas estabelecem entre si no interior de um mesmo sistema linguístico. Essa relação é sempre binária e se organiza a partir do critério diferencial, que determina que todos os elementos do sistema se configurem negativamente.

Essa seleção do caráter fonêmico dos sons é conseguida através das operações de segmentação dos itens lexicais em unidades fonicamente indivisíveis e de comutação das mesmas. Sempre que a partir desta comutação resulte uma alteração do significado das palavras resultando em **pares mínimos**, prova-se que estes sons são fonemas da língua em questão.

Para conhecermos os fonemas de uma determinada língua, faz-se necessário, inicialmente, fazer um levantamento dos fones que pertencem a esta língua. Para isto, precisamos deixar claro o que seja fonema e o que seja fone. A noção de fonema está diretamente ligada à noção de oposição. Nos itens lexicais “tia” e “dia”, observamos que eles são distintos pela oposição estabelecida entre os sons [t] e [d]. Assim podemos afirmar que /t/ e /d/ são dois fonemas. Por outro lado, considerando o item lexical “tia”, as realizações [t^ç] e [t] não são dois fonemas e sim dois alofones de um mesmo fonema. Para haver uma oposição entre fonemas é necessário que haja alteração de significado.

Uma possibilidade de determinar o sistema fonológico de uma língua, ou seja, definir o número de fonemas que ela tem, é trabalhar com **pares mínimos**, ou seja, reunir itens lexicais que se diferenciem por apenas um elemento. Ao reunir os itens lexicais [pala] e [bala], verifica-se que eles se distinguem apenas pelo [p] e pelo [b]. Portanto, é possível afirmar que /p/ e /b/ são dois fonemas, pois a alternância de um pelo outro implica, consequentemente, o significado de cada um dos itens. Caso a mudança de sons não acarrete alteração do sentido não teremos pares mínimos, mas simplesmente um caso de variação (alofones). Desta forma podem-se detectar fonemas ou constatar variação.

Apresenta-se a seguir, resumidamente, a contribuição do Estruturalismo para a Fonologia:

1. Conceito de fonema como unidade mínima distintiva de significados que se distingue de fone (unidade mínima) de realização do fonema no plano fonético e de alofone (variação de fone);

2. Noção de função distintiva dos fonemas manifestada pelas oposições de pares mínimos; a análise de pares mínimos da língua é um método que se designou por comutação (ou substituição) e que se mostrou importante para a determinação dos fonemas de uma língua (oposições de /bal❶/ e /mal❶/ provam que /b/ e /m/ são fonemas da língua portuguesa porque colocados no mesmo contexto distinguem palavras do Português);

3. Noção de distribuição de um fonema como método de análise, saído do distribucionalismo de L. Bloomfield (apud BIONDO, 2012), baseado na observação do conjunto de contextos em que uma dada unidade pode ocorrer.

Dentro do estruturalismo, com os trabalhos de Jakobson (1967), surge uma visão alternativa à concepção do fonema enquanto unidade mínima da fonologia. Os fonemas seguem opondo significados. No entanto para Jakobson (1967) existem fonemas que se distinguem entre si por características de outro nível, indivisíveis na sucessividade fônica, mas teoricamente isoláveis na descrição/realização de um som. Por exemplo /t/ e /d/ diferem quanto ao vozeamento, /s/ e /a/ diferem no caráter básico consonântico/vocálico. Para Jakobson, o traço distintivo é a verdadeira unidade mínima da fonologia, sendo que merece uma inventariação e uma descrição intrínseca.

É importante distinguir o **fone**, transcrito entre [] e relativo à fonética, à *parole* e à realização; do **fonema**, transcrito entre / / e relativo à fonologia, às realidades linguísticas não concretas, portanto abstratas, relacionadas à *langue*.

No sistema fonêmico do português brasileiro há 26 fonemas, sendo 19 consoantes mais 7 vogais (CAMARA JR., 1977). Na realização dos fonemas há as variantes, que são inúmeras: são as variedades de realização. Essa organização e as oposições, para cotejar os fonemas e as variantes, são regidas por princípios universais. Essa organização dos sistemas fonológicos é universal: os princípios são universais, mas a organização particular depende de cada sistema.

3 GERATIVISMO

Em seguida, passaremos para a corrente que dá continuidade à sequência histórica: a Generativa, fundada por Chomsky na década de 1950. Esse segundo grande movimento linguístico sucedeu o Estruturalismo de Praga e o Estruturalismo bloomfieldiano.

Na década de 1980, surgiu um modelo muito forte: o multilinear. Nele inicia-se trabalhando com a sílaba e depois em 1985 é publicado um texto renovador sobre a geometria dos traços fonológicos (em vigor hoje). É uma geometria que funda e trabalha com os traços fonológicos, conceito surgido em Praga e nos Estados Unidos, mas apresenta uma geometria de traços mais apurada.

A Fonologia dos traços hoje compete com modelos opostos, antagônicos, embora tenham uma base comum. Há também uma linha universalista, segundo a qual todas as línguas teriam estruturas fundamentais comuns. Dentro desses princípios, que vem desde Praga, a fonologia é uma disciplina que se insere numa corrente progressiva.

Atualmente nos EUA é muito discutida a Teoria da Otimalidade (TO). Esta teoria é um modelo linguístico proposto por Alan Prince e Paul Smolensky em 1993 e vem se expandindo desde então por John McCarthy e Alan Prince. Na perspectiva da TO, a gramática de cada língua é determinada por diferentes hierarquias de restrições linguísticas universais, e as diferenças gramaticais de uma língua para outra podem ser explicadas pelos re-ranqueamentos (reranking) de restrições na TO.

Embora grande parte do interesse em TO tenha sido associado ao seu uso em fonologia (a área para a qual a TO foi primeiro aplicada), a teoria também é aplicável a outros campos da Linguística (por exemplo: sintaxe, semântica). Esta teoria normalmente é considerada um desenvolvimento da gramática gerativa que compartilha seu foco na investigação de princípios universais, tipologia e aquisição linguística. A teoria surgiu, em parte, como um sucessor à teoria de Gramática Harmônica, desenvolvida em 1990 por Géraldine Legendre, Yoshiro Miyata e Paul Smolensky.

O conceito das restrições da linguagem faz parte da Gramática Universal (GU) da teoria desenvolvida por Chomsky, que defende a existência de um conhecimento linguístico inerente a todo o ser humano. As restrições são impostas pela própria faculdade da linguagem e determinam a impossibilidade de certas formas e construções.

Houve importantes mudanças de concepção e, por consequência, de análise das línguas. Gerativismo ou teoria gerativa é uma tentativa de formalização dos fatos linguísticos

aplicando-se um tratamento matemático preciso, explícito e finito às propriedades das línguas naturais.

Ela foi denominada "gerativa" exatamente por ser um sistema de regras e princípios formalizado ou explícito, o que significa que essas regras e princípios somente podem ser operados sob condições específicas, sendo, no entanto, automaticamente aplicadas desde que satisfeitas essas condições, podendo criar infinitas frases.

Nos estudos do gerativismo, é dada ênfase ao falante através de seu desempenho e competência. **Competência** é o conhecimento da língua que o falante tem armazenado em sua memória durante sua vida. **Desempenho** é a performance durante a fala, que resulta da competência do falante e de outros fatores como a ocasião social em que o falante se encontra.

3.1 Contexto histórico

O modelo fonológico gerativo foi desenvolvido em meados da década de 60, com o surgimento da teoria gerativa clássica proposta por Chomsky. Com o seu trabalho "*Aspects of the theory of syntax*" (1965), Chomsky revolucionou os estudos linguísticos ao determinar que o componente sintático – e não mais o sonoro – deveria ser o foco das análises linguísticas. Chomsky introduziu a noção de **regras linguísticas** (regras que relacionam o som e seu significado), além de noções como **competência/desempenho** e **Gramática Universal**.

De acordo com suas propostas, o desempenho seria o uso real que o falante faz da língua, enquanto que a competência seria o conhecimento da língua que o falante carrega. A noção de Gramática Universal foi introduzida como uma proposta de relacionar as línguas de acordo com suas similaridades.

Para Chomsky, as semelhanças presentes nas línguas do mundo ocorreriam devido a uma essência linguística genética comum aos homens. Dessa forma, a GU é considerada uma organização mental em relação à linguagem compartilhada por todos os humanos.

As linhas gerais do modelo gerativo foram introduzidas principalmente com o trabalho de Chomsky e Halle "*The Sound Pattern of English*" (1968). De acordo com o modelo, todo falante possui uma **estrutura linguística profunda** com informações gramaticais. Através de regras, tal estrutura é modificada gerando **estruturas de superfície**, ou manifestações da fala. A representação fonológica é o nível subjacente, profundo, e a representação fonética é o nível de superfície.

O modelo gerativo também traz modificações que tentam aperfeiçoar as características criticadas do estruturalismo. Uma das novas propostas seria a da unidade mínima, que passa a ser através de traços distintivos, ao invés de segmentos. Tal mudança permitiria não só generalizações, mas também uma melhor manipulação das regras fonológicas (MIRAMATEUS, 1990).

A Geometria dos Traços, com base em Clements (1985), surgiu antes da Teoria da Otimalidade. Chamou-se de Fonologia de Geometria de Traços (DURAND, 1990 apud CAGLIARI, 1998, p. 11) ao modelo surgido a partir do SPE (CHOMSKY; HALLE, 1968) através da organização dos traços fonológicos em planos, que faz lembrar os modelos de geometria. A Geometria de Traços é um modelo com traços hierarquizados. Por isso, este modelo passou a ser chamado também de Fonologia Não-Linear. Outras abordagens da fonologia lexical também ficaram conhecidas sob esse rótulo (CAGLIARI, 1998). Destaca-se que as fonologias não-lineares baseiam-se na fonética articulatória, não tendo incorporado a fonética acústica. O expoente da Geometria de Traços é Clements, a partir do artigo de 1985.

3.2 Características do modelo

Uma das características do modelo gerativo que o difere do modelo estruturalista é a unidade mínima admitida. No Gerativismo a unidade mínima deixa de ser os segmentos que compõem os fonemas e passam a ser os traços distintivos, já trabalhados por Trubetzkoy.

A teoria fonológica de Jakobson, Fant & Halle (1952) estava focalizada na busca da predição das oposições que, exclusivamente, seriam comuns em todas as línguas. Para estes pesquisadores, apenas o conjunto de traços fonológicos é necessário para dar conta das oposições encontradas nas línguas do mundo. Em sua teoria, os traços distintivos necessários para diferenciar os sons de todas as línguas são, principalmente, os: vocálicos, consonantais, compactos, difusos, tensos, vozeados, nasais, contínuos, estridentes, graves, dentre outros.

Uma das conjecturas versava sobre o aparecimento de algumas oposições fonéticas que excluía o aparecimento de outras, havendo uma quantidade limitada de traços que cobririam todas as oposições encontradas em todas as línguas. Estes autores inovaram também ao propor a incorporação das características acústicas ao sistema de traços.

Além disso, Jakobson et al (1952) propuseram a transformação de todos os traços fonológicos em termos binários – (+) ou (-) – de modo que um fonema pode ser [+ vozeado], [- vozeado], por exemplo, com o objetivo de capturar as possíveis oposições fonológicas.

Nesse modelo a unidade mínima é um conjunto de **traços distintivos** (propriedades mínimas, binárias, de caráter acústico ou articulatorio que definem os sons das línguas). Introduzem o conceito de **classes naturais**: uma classe natural é o conjunto de segmentos que compartilham traços semelhantes e sofrem regras fonológicas comuns. Esse conceito foi fundamental para permitir as generalizações das regras. Também há a introdução do conceito de **processos / regras fonológicas**. A partir disso são permitidas **generalizações** nas regras fonológicas.

Tais traços seriam as propriedades mínimas referentes aos processos articulatorio e acústico envolvidos na produção de um som. De acordo com esse ponto de vista, a representação segmental de um som seria o equivalente a um conjunto de feixes de traços distintivos referentes a esse som.

No modelo de Chomsky e Halle (1973), os traços são distintivos, ou seja, suficientes para provar contrastes fonológicos, e são binários, podendo ser ausentes (-) ou presentes (+). Os traços estão agrupados em conjuntos que envolvem as propriedades (articulatórias/acústicas) a que se referem. Dessa forma, têm-se traços de classes principais, traços de cavidade, traços de modo de articulação, traços de fonte e traços prosódicos.

O Gerativismo e a teoria dos traços distintivos contribuíram para a fonologia atual, no desenvolvimento de duas propostas de descrição e classificação da fonologia das línguas baseada no conceito de **traço distintivo**, unidade menor dentro do fonema e que é responsável pelas oposições distintivas.

As propostas foram trazidas por R. Jakobson, G. Fant e M. Halle (1952) com uma teoria de descrição fonológica baseada em traços acústicos. É proposto um sistema de traços que classificavam os fonemas em termos de oposições binárias (+/-) de presença/ ausência. Os traços distintivos de base acústica eram constituídos por doze oposições binárias repartidos por três grupos: traços de fonte, traços de fonte complementar consonântica, traços de ressonância.

Chomsky; Halle (1968) descreveram uma teoria de traços distintivos semelhante à anterior, mas de base articulatória. Esta proposta obteve mais adesão por ser uma proposta que vai ao encontro da investigação feita em fonética articulatória tradicional. Tal como na teoria acústica de traços, esta teoria vai apresentar um sistema binário de oposições distintivas de traços que, inicialmente, seriam suficientes para a descrição da fonologia de todas as línguas do mundo.

Através da descrição dos segmentos por traços distintivos foi observado que os segmentos se relacionavam quanto a determinados traços e, também, quanto a determinadas regras. Baseando-se nesses pressupostos, o modelo gerativista introduziu a ideia de **classes naturais**, que seriam conjuntos de segmentos que se relacionam.

Para que dois ou mais segmentos constituam uma classe natural é necessário que, para especificar a classe, sejam utilizados menos traços distintivos do que a quantidade utilizada para especificar cada segmento. Em geral, é possível afirmar também que dois ou mais constituem uma classe natural se: os segmentos sofrem regras fonológicas juntos; os segmentos funcionam juntos nos ambientes das regras fonológicas; um segmento torna-se o outro (e vice-versa) através de uma regra fonológica e um segmento é derivado no ambiente de outro segmento.

Com a nova proposta de unidade mínima, o modelo Gerativo permitiu que as regras linguísticas fossem explicadas com mais formalismo e naturalidade. Utilizando-se dos traços distintivos é possível relacionar segmentos e mudanças transformacionais nos segmentos que, até então, não eram relacionados no modelo estruturalista. No gerativismo, é possível demonstrar que as regras se aplicam às **classes de segmentos**.

De acordo com o modelo Gerativista, regras fonológicas expressam os processos pelos quais a língua passa, de forma que representações subjacentes tornem-se representações fonéticas (ou de superfície). As regras fonológicas transformam, cancelam ou inserem segmentos. Para representar uma regra fonológica faz-se uso de diversos símbolos, tais como C, V, N, G para as classes de segmentos consoantes, vogais, nasais e glides, respectivamente.

Outros símbolos tais como \emptyset e # também são utilizados: o primeiro para representar categorias vazias em regras de inserção ou apagamento e o segundo para representar final de palavra. O exemplo de palatalização citado no tópico “**traços distintivos**” é um exemplo de regra de transformação de segmento.

Contudo, uma vez que a fonologia não possui ferramentas de análise suficientemente capazes de dar conta dos fenômenos prosódicos, surgiu já uma área de estudo autônoma: a prosódia, com um caráter muito interdisciplinar e com uma metodologia mais experimental e apoiada em análise computacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias apresentadas e as reflexões feitas ao longo deste trabalho permitem reconhecer a importância e as diferenças entre dois momentos históricos e fundamentais para a área da Fonologia: Estruturalismo a partir, principalmente, de Saussure e Gerativismo, com base em Chomsky.

Através dos conceitos, aplicações e de contextos diversos foi possível observar as diferenças e contribuições de cada um, assim como algumas críticas levantadas por estudiosos sobre o assunto. No que se refere ao Estruturalismo pudemos destacar o fonema como unidade mínima e alguns métodos de análise como:

- Análise de **SFS** (sons foneticamente semelhantes);
- Análise de **pares mínimos** para identificação de fonemas;
- Análise de **alofones** por **distribuição complementar**.

A unidade mínima é o fonema. No entanto como vimos, alguns linguistas propuseram outra unidade mínima para os segmentos. O Estruturalismo não permite **generalizações** entre fenômenos relacionados. Por exemplo: o modelo não permite dizer que *consoantes são labializadas quando seguidas de vogais arredondadas* (/p/ se relaciona a [pw], /b/ se relaciona a [bw], etc.), pois o modelo relaciona apenas os fonemas a seus respectivos alofones.

Quanto ao Gerativismo, às linhas gerais do modelo gerativo foram introduzidas principalmente com o destacado trabalho de Chomsky; Halle (1968), o SPE. De acordo com o modelo, toda gramática do falante possui uma **estrutura linguística profunda** com informações gramaticais. Através de regras, tal estrutura é modificada gerando **estruturas de superfície**, ou manifestações da fala. A representação fonológica seria o nível subjacente – profundo – e a representação fonética seria o nível de superfície.

Atualmente, os estudos de linguística têm por base um terceiro paradigma que sucede o estruturalismo e o gerativismo. Esse paradigma é a **pragmática**, para a qual o falante é o sujeito da ação. A pragmática defende a funcionalidade da língua e o que se denomina "gramática de uso". Nos estudos da pragmática, a língua não é definida apenas como código com o objetivo da comunicação e sim como interação entre o falante e o interlocutor.

Uma das críticas ao modelo Gerativo é sobre o acarretamento de um elevado nível de abstração porque trabalha com categorias vazias, tendo apenas status teórico;

ocorrendo complexidade nos formalismos, pertinência da sílaba. Além do fato de que esse modelo não cobre os níveis representacionais para tom e acento e não relaciona a Fonologia com a Morfologia.

Segundo Callou e Leite (1995, p. 58), o argumento principal apresentado pelos precursores da fonologia gerativa em favor dessas modificações é que as condições de biunivocidade, determinação local, invariância e linearidade levavam à atomização dos fenômenos fonológicos. Esses fatores mascaram as generalizações depreensíveis de um sistema linguístico, generalizações que seriam psicologicamente válidas e representativas da gramática internalizada pelo falante da língua.

Contudo, sabemos que embora os dois modelos apresentados tenham contribuído muito para os estudos da linguagem, sempre haverá novas descobertas e aplicações. Isso reafirma que a língua é algo em constante evolução porque o seu principal instrumento é o falante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIONDO, D. O estudo da sílaba na fonologia autosssegmental. *Revista de Estudos da Linguagem*, 2, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/958/1066>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do português: análise pela geometria de traços*. Parte 1. 2. ed. Campinas: Edição do Autor, 1998.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 5. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

CAMARA JR., Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CHOMSKY, Noam Avram. *Current issues in linguistic theory*. Paris: Mouton, 1970.

_____; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

_____; _____. *Principes de phonologie generative*. Trad. Pierre Encrevé. Paris: Seuil, 1973.

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*, v.2, p. 225-252, 1985.

JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

_____; FANT, G.; HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge: MIT Press, 1952.

LEPSCHY, Giulio. *A linguística estrutural*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1975.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Fonología española*. Madrid: Gredos, 1976.

MIRA-MATEUS, Maria Helena et al. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye, tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VELOSO, João. Elementos para uma reavaliação da importância da distintividade como conceito linguístico. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*. Porto, XIII, 1996, p. 407-433. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2743.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

Recebido em 16 de junho de 2012.

Aceito em 27 de julho de 2012.